R. C. SPROUL

FILOSOFIA
PARA INICIANTES

VIDA NOVA

FILOSOFIA
PARA INICIANTES

**CATALOGAÇÃO NA FONTE DO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO**

S771f

Sproul, R. C. (Robert Charles), 1939-
Filosofia para iniciantes / R. C. Sproul ;
tradução Hans Udo Fuchs. – [São Paulo] :
Vida Nova, 2002.
208 p. ; 14x21 cm.

1. Filosofia - Introduções. I. Título.

CDD- 100

FILOSOFIA
PARA INICIANTES

R. C. SPROUL

Tradução
Hans Udo Fuchs

VIDA NOVA

Copyright © 2000 de R. C. Sproul
Título do original: *The Consequences of Ideas*
Traduzido da edição publicada por Crossway Books,
uma divisão da Good News Publishers
1300 Crescent Street, Wheaton, Illinois 60187, EUA

1.ª edição: 2002
Reimpressões: 2004, 2005, 2006, 2008, 2009, 2012, 2015, 2019

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova,
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves,
com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

ISBN 978-85-275-0286-3

Coordenação editorial

Robinson Malkomes

Coordenação de produção

Roger Luiz Malkomes

Capa

Magno Paganelli

Diagramação

Sérgio Siqueira Moura

Conteúdo

Ilustrações 6

Prefácio à edição brasileira 7

Introdução: Por que estudar filosofia? 9

1 Os primeiros filósofos 15

2 Platão: Realista e idealista 29

3 Aristóteles: *o* filósofo 41

4 Agostinho: o doutor da graça 53

5 Tomás de Aquino: o doutor angelical 67

6 René Descartes: pai do racionalismo moderno 79

7 John Locke: pai do empirismo moderno 91

8 David Hume: o cético 103

9 Immanuel Kant: o filósofo revolucionário 115

10 Karl Marx: o utopista 129

11 Søren Kierkegaard: o crítico dinamarquês 143

12 Friedrich Nietzsche: um existencialista ateu 155

13 Jean-Paul Sartre: literato e filósofo 167

14 Darwin e Freud: pensadores influentes 181

Conclusão: a escolha de Gilson 193

Sugestões de leitura e referência (em português) 199

Índice remissivo 201

Ilustrações

FIGURAS

2.1 A síntese de Platão 36
7.1 Fontes da lei civil 101
8.1 Hume e sua ilustração do jogo de bilhar 111
10.1 Filosofias que surgiram do pensamento de Immanuel Kant 130
10.2 A dialética de Hegel 131
10.3 Hegel e sua visão da história 132
10.4 A primeira tríade de Hegel 133
11.1 Os três estágios da vida 147
12.1 Espectro de posições filosóficas 166

TABELAS

1.1 A realidade fundamental 18
1.2 Os primeiros filósofos 25
2.1 Os sofistas 32
3.1 As quatro causas 50
4.1 Os sucessores de Aristóteles 58
4.2 A humanidade criada e decaída 64
5.1 Quatro homens que mudaram o mundo 69
5.2 A fonte do conhecimento da verdade 73
8.1 Máximas de filósofos modernos 104
9.1 Filósofos da época do Iluminismo 117
9.2 Provas tradicionais da existência de Deus 126
13.1 Oito homens que mudaram o mundo 178

Prefácio à edição brasileira

Muitas vezes somos tentados a fazer pouco caso da filosofia, pois prestamos pouca atenção à origem das idéias que, com grande freqüência, constituem conceitos que norteiam nossa vida. Na realidade, tendemos a pensar que todo mundo pensa da mesma forma que nós. Por isso, podemos imaginar que a filosofia seja uma disciplina de estudo muito efêmero, muito abstrato, sem aplicação prática. Portanto, concluímos, quem se interessa por filosofia deve ser uma pessoa aérea, sem muito vínculo com a realidade.

Mas, se refletirmos um pouco, de onde veio a idéia de que "todos os caminhos levam a Deus"? De onde veio nosso conceito dualista da realidade, ou seja, de que o mundo é composto por duas realidades, uma material e outra espiritual? Ou o conceito popular de que Deus e o diabo praticamente se equiparam em termos de poder e força? Ou o conceito de que duas afirmações contraditórias ("mutuamente excludentes") não podem ser ambas verdadeiras ao mesmo tempo?

Será que literalmente *todo mundo* pensa da mesma forma que nós? Absolutamente, não.

Será que o estudo da filosofia é totalmente inconseqüente, sem aplicação prática? Absolutamente, não.

Então, onde estão as raízes do pensamento e da cultura ocidentais? Enfim, por que pensamos da forma que pensamos?

Em *Filosofia para iniciantes,* R.C. Sproul esboça de maneira interessante e simples a história do pensamento ocidental. Se o amado leitor tiver algum interesse em responder *por que* pensamos da forma que pensamos, deve começar pela leitura deste livro.

Sproul parte dos primeiros filósofos pré-platônicos, depois passa por Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino.

Chegando à era moderna, explica as filosofias de Descartes, Locke, Hume, Kant, Marx, Kierkegaard, Nietzsche, Sartre, Darwin e Freud. Ou seja, trabalha com o realismo e com o idealismo, sínteses cristãs dos primeiros filósofos e com o racionalismo, empirismo e ceticismo hodiernos. Depois explica Kant, cuja filosofia é um divisor de águas, chegando finalmente a tratar do marxismo, do existencialismo e dos pensamentos influentes (que não chegam a constituir filosofias) de Darwin e Freud.

No final do livro, somos confrontados com "a escolha de Gilson". Para que a nossa vida tenha nexo, somos obrigados a optar por alguma filosofia que as oriente. Por qual delas devemos optar?

Leia e faça sua opção.

Pr. Donald E. Price
Presidente de Edições Vida Nova
Janeiro de 2002

Introdução

Por que estudar filosofia?

Verão de 1959: foi meu segundo ano na faculdade e marcou o fim da "década dos dias felizes". O amado "Ike"[1] ainda ocupava o Salão Oval, os New York Yankees ainda dominavam a liga principal de beisebol, e faltava um ano para a turbulenta década de 1960.

Minha maior preocupação era um emprego para as férias. Vários amigos, estudantes de engenharia, tinham encontrado trabalhos bem remunerados para o verão, que pagavam bem mais que o salário mínimo. Minhas perspectivas eram pessimistas: eu era estudante de filosofia. Nos jornais, não encontrei um único anúncio de emprego para filósofos. Minha única alternativa era um trabalho que não exigia qualificação e pagava salário mínimo. Assim, fiquei contente ao encontrar uma vaga no departamento de manutenção de um hospital.

Quando o zelador soube que eu era estudante de filosofia, entregou-me uma vassoura e disse: "Pegue. Você pode pensar o quanto quiser, apoiado no cabo dessa vassoura". Meus colegas de trabalho gostaram da sua ofensa. Entre outras responsabilidades, eu tinha de varrer a rua e o estacionamento em frente ao hospital.

Durante a minha primeira semana no emprego, consegui varrer toda a minha área. Meu território acabava onde o acesso ao hospital confrontava o alojamento das enfermeiras. Lá vi outro homem varrendo o estacionamento adjacente. Ele me acenou, nos apresentamos e trocamos gentilezas. Quando eu lhe disse que era estudante universitário, ele logo perguntou o que eu estudava. No momento em que ouviu "filosofia", seu

rosto se iluminou e seus olhos brilharam. Despejou sobre mim uma bateria de perguntas sobre Descartes, Platão, Hegel, Kant, Kierkegaard e outros. Eu estava atônito diante do conhecimento daquele homem. Era evidente que ele conhecia filosofia muito mais do que eu.

Pensamentos "perigosos"

Achei muito estranho que um homem cuja principal ocupação é varrer ruas pudesse ser tão versado no campo abstrato da filosofia. Toda aquela conversa me pareceu estranha. Eu tinha de lhe perguntar como sabia tanto sobre filosofia. Sua história era de fazer chorar.

Meu novo amigo era da Alemanha. Obtivera o grau de Ph.D. em filosofia e havia sido professor de filosofia em Berlim. Quando Adolf Hitler chegou ao poder, os nazistas não se contentaram em encontrar uma "solução definitiva" para judeus e ciganos. Eles também tentaram eliminar intelectuais cujas idéias não combinassem com os "valores" do Terceiro Reich. Meu amigo perdeu seu cargo. Quando arriscou falar contra os nazistas, sua esposa e seus filhos foram presos e executados. Ele escapou da Alemanha apenas com a filha mais nova.

Perguntei-lhe por que não estava mais lecionando, e ele disse que o ensino da filosofia destruíra a vida dos seus entes queridos e arruinara a dele. Com lágrimas nos olhos, disse que agora vivia apenas para a sua filha.

Quando ouvi a história desse homem, eu tinha vinte anos de idade. Para mim, a Segunda Guerra Mundial era uma lembrança muito vaga. Para quem tem vinte, catorze anos parecem uma eternidade. Mas para o meu amigo alemão, que já passara dos cinqüenta, os anos da guerra pareciam ter sido ontem. Suas lembranças do passado eram tudo menos vagas.

Meus pensamentos se detiveram em mais uma coisa naquela manhã, que é a razão por que estou contando essa história aqui. Eu estava empunhando uma vassoura porque vivia em uma cultura que dá pouco valor à filosofia e tem pouca estima por quem gosta dela. Meu amigo, todavia, estava com

uma vassoura nas mãos porque vinha de uma cultura que dava grande valor à filosofia. Sua família fora destruída porque Hitler sabia que idéias são perigosas. Hitler temia tanto as conseqüências das idéias do meu amigo que fez tudo o que podia para eliminá-lo — juntamente com suas idéias.

Você, ao ler esse livro, provavelmente não está fora de casa, lendo à luz do sol, nem dentro, à luz de velas. É bem provável que você esteja lendo em uma sala iluminada por luz artificial. De onde veio essa luz? Você provavelmente chegou de carro ao lugar em que está agora. De onde veio esse carro? É provável que não exista uma latrina no seu quintal. Sua casa provavelmente tem água encanada e esgoto. De onde veio tudo isso?

Pergunto sobre coisas praticamente desconhecidas há pouco menos de um século, mas que agora consideramos essenciais à nossa vida diária. Essas coisas práticas existem porque alguém começou a pensar nelas (talvez apoiado em uma vassoura), antes que fossem inventadas ou criadas. A idéia precedeu o produto, e geralmente é assim que a coisa funciona.

Nem todas as idéias geram produtos tangíveis. Algumas são temerárias. Mas até as idéias fantasiosas de um sonhador às vezes são formuladas e transformam-se em conceitos que têm conseqüências enormes.

Pensamentos fundamentais

A filosofia nos obriga a pensar em termos de fundamentos. Com *fundamentos* quero dizer os primeiros princípios ou verdades básicas. A maioria das idéias que moldam nossa vida é aceita (pelo menos no começo) sem muita crítica. Não criamos um mundo ou ambiente do zero e depois vivemos nele. Entramos num mundo e numa cultura que já existem e aprendemos a interagir com eles.

Por exemplo: poucas pessoas hoje em dia debatem as virtudes do imposto de renda escalonado ou por faixas, em que um grupo de pessoas paga não somente quantias maiores, mas também um percentual maior do que ganha (tão diferente do dízimo — a "alíquota única" de Deus!). Raramente alguém

questiona se esse esquema é justo, porque está em vigor há muito tempo. É uma realidade que se aceita. Quando foi instituído, porém, esse sistema foi alvo de enormes controvérsias.

Também não se vêem mais muitas discussões sobre teoria política ou legal, como as que marcaram o Iluminismo. Naquela época, quando as estruturas da monarquia estavam dando lugar a novas formas de governo, as pessoas se concentravam na teoria fundamental. Hoje em dia, porém (a não ser talvez em julgamentos de *impeachment),* raramente ouvimos discussões sobre a diferença entre república e monarquia. Também não vemos controvérsias acaloradas sobre fundamentos das leis (salvo quando Clarence Thomas, indicado para a Suprema Corte dos Estados Unidos, aludiu à lei natural durante a sua sabatina no senado norte-americano e o senador Joseph Biden respondeu com uma réplica mordaz).

A constituição dos Estados Unidos foi escrita há mais de 200 anos. Essa idéia já foi solidificada. Hoje em dia ela é apenas complementada com uma nova legislação aqui e uma nova decisão judicial ali. Não importa se já alteramos o original a ponto de deixá-lo quase irreconhecível e corremos o risco de alguns tiros saírem pela culatra.

Nós entramos no jogo muito depois que ele foi criado. As regras foram estabelecidas, e os limites, colocados. Ficamos admirados ao ver Descartes demorar tanto e pensar tão profundamente para concluir que ele existe. Achamos isso engraçado e pensamos que é uma perda de tempo provar algo que todos sabemos ser verdade — que existimos. Ou ficamos admirados ao ver Kant passar a sua vida analisando *como* sabemos tudo o que sabemos, se, do nosso ponto de vista, simplesmente sabemos.

Será que sabemos? Pensadores como Descartes e Kant não estavam simplesmente contemplando o próprio umbigo. O pensamento fundamental desnuda todas as nossas pressuposições, para podermos descobrir quais são falsas e até letais. O pensamento fundamental está interessado na diferença entre verdade e falsidade porque se importa com o bem e o mal. A antiga máxima ainda vale: "Vida não avaliada não vale a pena ser vivida". Para qualquer pensador sério, especialmente para

o que diz ser cristão, uma vida não avaliada não é uma opção válida.

Se meu pensamento não tem valor no mercado ou não é bem recebido no tribunal da opinião pública, sempre posso voltar a varrer estacionamentos. O que não posso é *não pensar*. Não pensar é impensável.

Esse livro não foi escrito para filósofos, mas para leigos — mesmo que bem-informados. Espero que ele possa servir de aperitivo que nos motive a nos aprofundar nos estudos do pensamento teórico. Evitei intencionalmente os detalhes técnicos, que costumam intimidar os leigos. Além de recorrer a fontes diretas, apoiei-me em especialistas na história da filosofia: Roger Scruton, Gordon Clark, Samuel Stumpf e outros.[2] Espero que você se beneficie dessa visão geral da história das idéias.

R. C. Sproul
Orlando, janeiro de 2000

Notas

1. Referência a Dwight Eisenhower, então Presidente dos Estados Unidos *(Nota do Editor)*.

2. Roger SCRUTON, *From Descartes to Wittgenstein: a short history of modern philosophy* (Boston, Routledge & Kegan Paul, 1981); Gordon CLARK, *Thales to Dewey: a history of philosophy* (Boston, Houghton Mifflin, 1957); Samuel STUMPF, *Socrates to Sartre: a history of philosophy* (Nova Iorque, McGraw-Hill, 1966).